programa cuidar

Livro do professor

Adolescência, cuidado e vida

3

Antonio Carlos Gomes da Costa
Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima

Programa Cuidar

Modus Faciendi

Diretor-Presidente:
Antonio Carlos Gomes da Costa

Diretor de Ação Educativa:
Alfredo Carlos Gomes da Costa

Diretor de Desenvolvimento Social:
Antônio de Pádua Gomes Pimentel

Programa Cuidar

Mentor e Coordenação Geral:
Antonio Carlos Gomes da Costa

Coordenação Técnica:
Alfredo Carlos Gomes da Costa
Antônio de Pádua Gomes Pimentel

Consultores Associados:
Deodato Rivera
Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima

Consultores Locais:
Angelina Altoé Noronha (Rede de Escolas Salesianas – Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal)
Célia Maria Amino Mauler (Juiz de Fora, MG)
Clara Eugênia Ataíde Azevêdo (Rede de Escolas Salesianas – Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal)
Haidée Monteiro dos Santos Agostini (Campinas, SP)
Juvenal Pereira de Lima (Iguatu, CE)

Capacitação, Supervisão e Consultoria:
Equipe Técnica da MODUS FACIENDI

Acompanhamento e Avaliação:
Centro Latino-Americano de Estudos Sobre Violência e Saúde (CLAVES)/Fundação Oswaldo Cruz

Livro do Professor

Planejamento Gráfico e Produção
Comunicarte Marketing Social

Coordenação Editorial:
Marcio Ruiz Schiavo

Design Gráfico:
Fabienne Torres
Paula Saraiva

Editoração Eletrônica:
Admir de Carvalho

Revisão:
Eliesio N. Moreira
Reinaldo Gaio de Oliveira

Fotolitos, Impressão e Acabamento:
HS – Fotolito e Editora Ltda.

Edição 2002
Apoio Instituto Souza Cruz
www.institutosouzacruz.com.br

Programa Cuidar

Adolescência, cuidado e vida

Antonio Carlos Gomes da Costa
Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima

sumário dos livros

Para entender e usar corretamente esta obra

livro 1

Educação para Valores com base na ética biofílica

1. A educação que queremos
2. O educador necessário
3. O jovem que queremos formar
4. Construindo identidade e projeto
5. Vivenciando, identificando e incorporando valores
6. A consciência, o território da Educação para Valores
7. Como educar para valores
8. O valor estruturante da presença
9. A ética biofílica
10. O encontro com o outro
11. Os valores valem
12. Três educadores
13. O livro da vida
14. Mobilizando as forças
15. A serviço da dignidade humana

livro 2

Autocuidado: um conceito em evolução

1. A trajetória do conceito de autocuidado
2. Situação atual- correntes e tendências contemporâneas no campo do autocuidado
3. Perspectivas pedagógicas do autocuidado na abordagem do trabalho educativo com adolescentes
4. Por onde começar - transformando o autocuidado em uma cultura juvenil
5. Trabalhando o autocuidado como um valor – a importância de trabalhar o autocuidado em três níveis: razão, emoção e ação

3 livro — Adolescência, cuidado e vida

1. O cuidado na relação consigo mesmo – saúde física e mental
2. O autocuidado nas relações afetivo-sexuais
3. O autocuidado nas relações familiares
4. O autocuidado nas relações do adolescente com seus pares
5. O autocuidado nas relações de companheirismo: escola, trabalho e comunidade
6. O cuidado com a natureza
7. O cuidado com a dimensão transcendente da vida

As várias dimensões do autocuidado — livro 4

1. Orientações gerais de autocuidado em relação ao corpo
2. Orientações de autocuidado para com a mente
3. Orientações de autocuidado em relação a AIDS e DST
4. Orientações de autocuidado em relação às drogas lícitas e ilícitas
5. Orientações de autocuidado em relação à violência
6. Autocuidado no trânsito
7. Autocuidado em relação à violência familiar
8. Orientações em relação à violência na escola
9. Autocuidado em relação aos elementos da natureza
10. Educar para a paz

livro
3

Adolescência, cuidado e vida

Índice

Adolescência, cuidado e vida livro 3

1. O cuidado na relação consigo mesmo – saúde física e mental **12**

2. O autocuidado nas relações afetivo - sexuais **22**

3. O autocuidado nas relações familiares **30**

4. O autocuidado nas relações do adolescente com seus pares **38**

5. O autocuidado nas relações de companheirismo: escola, trabalho e comunidade **44**

6. O cuidado com a natureza **52**

7. O cuidado com a dimensão transcendente da vida **64**

1

O cuidado na relação consigo mesmo - saúde física e mental

Já vimos que, na relação consigo mesmo, o que mais importa para o desenvolvimento pessoal e social do adolescente é que ele seja capaz de compreender-se e aceitar-se, como condição para compreender e aceitar os demais. Só assim, ele terá um alicerce sólido sobre o qual edificar a sua existência.

O que muda, quando se chega à adolescência? No plano da relação do jovem consigo mesmo, acontecem mudanças ao nível do corpo, do comportamento, da identidade.

Do ponto de vista corporal, ocorrem importantes mudanças fisiológicas e anatômicas, que se dão em conexão estreita com transformações na mente e no comportamento do jovem. Já do ponto de vista da personalidade, emerge a necessidade de afirmação social e a dependência ontológica do outro, que vai se manifestar no plano da vida afetiva.

Um ponto de referência para demarcar o período da adolescência

é certamente o autocuidado. Podemos avaliar a qualidade da travessia que um jovem empreendeu entre a infância e a idade adulta pela sua capacidade de se autocuidar, ou seja, de preservar-se das situações de risco e de promover o desenvolvimento de seu potencial.

Se começarmos de um ponto em que o ser humano necessita ser amplamente cuidado, como na primeira infância, e chegarmos à idade adulta, quando se espera que a pessoa tenha autonomia suficiente, para cuidar de si mesma e de outras, a adolescência vai aparecer como o período de transição. É o momento em que se aprende, se desenvolve e se assume responsabilidades crescentes para consigo mesmo.

O fundamental, aqui, é que o jovem cresça na capacidade de controlar a sua própria vida. E isto vai depender, em larga medida, da sua capacidade de manter, ao longo deste processo, a promoção constante da sua saúde física e mental, conceitos que apenas do ponto de vista conceitual podem ser considerados isoladamente, uma vez que a sua interdependência é cada vez considerada mais importante para uma abordagem não-reducionista da saúde humana. A este respeito, há um antigo ditado indígena que afirma: "*Se você quiser ver como eram seus pensamentos ontem, contemple o seu corpo hoje. Se você quiser ver como será seu corpo amanhã, examine seus pensamentos hoje.*"

Assim, embora corpo e mente sejam realidades indissociáveis uma da outra, vamos abordar aqui a corporeidade e a personalidade como dois lados de uma mesma moeda, que é o ser humano em sua inteireza, em sua complexidade e em sua irredutibilidade a qualquer visão esquemática que dele queiramos fazer.

O corpo humano pode ser reduzido à sua dimensão anatômica e fisiológica e ser considerado um objeto das ciências biológicas, que, sobre ele, têm crescentemente acumulado conhecimentos. Esta é, pois, uma visão de corporeidade, que se limita aos aspectos somáticos.

Mas, além do ponto de vista das ciências biológicas, há uma

outra maneira de encarar o fenômeno da corporeidade, que inclui, além do corpo propriamente dito (soma), três outras dimensões:

1. a dimensão da experiência;
2. a dimensão da subjetividade;
3. a dimensão da consciência.

Pela dimensão da experiência, o homem transforma o seu ambiente natural e humano, e é por ele também igualmente transformado. Pela dimensão da subjetividade e da intersubjetividade, o homem estabelece as relações interpessoais e sociais que o constituem como ser humano (ser, com os outros). Finalmente, pela dimensão da consciência, o homem interioriza em sua mente o mundo natural e humano de que é parte e, com base nesta representação da realidade, procura pautar sua atuação sobre ela.

Em palavras mais simples: temos o corpo marcado pelas experiências acumuladas ao longo da vida, enovelado pela teia de relações que formos estabelecendo ao longo de nossa caminhada e habitado por tudo que formos capazes de aprender na duração de nossa existência neste mundo.

Uma personalidade sadia pode ser definida pelo seu grau de autonomia. A autonomia, juntamente com a solidariedade e a competência, compõem o perfil dos jovens que queremos formar através da Educação para Valores com base numa ética biofílica.

Desde a infância, pode-se observar o processo de desenvolvimento da autonomia e como ele pode ser facilitado ou dificultado pela

intervenção dos adultos. O tipo de autonomia geralmente manifestada na adolescência está fortemente ligada à imagem que as pessoas fazem de que este período da vida humana possui como peculiaridade uma profunda crise de identidade, na qual se experimentaria uma espécie de indefinição a respeito de sua própria personalidade.

Especialmente numa época marcada por uma multiplicidade de alternativas e valores a serem escolhidos, o adolescente de hoje se põe diante da difícil tarefa de eleger seus caminhos. Não existe uma divisão impermeável entre o 'eu' e os 'outros', 'mundo interior' e 'mundo exterior'. Ao contrário, todas as outras pessoas, os outros, desde que nascemos, vão gradativamente sendo interiorizados por nós, constituindo-nos. Esses outros que fazem parte de nós não se restringem ao nosso limitado núcleo familiar, mas dizem respeito também aos atores sociais que assumem cada vez maior importância na vida do jovem adolescente: os amigos, os professores, os colegas de escola, os ídolos na música e na TV.

Em cada contexto no qual nos inserimos, apresentamos uma faceta do nosso eu: seja na escola, no trabalho, na família, desempenhamos distintos papéis sociais, como pais, filhos, educadores, amigos, esposo(a), etc. Vamos tecendo a imensa variedade de possibilidades de expressão da personalidade. Não se deve confundir, entretanto, essa multiplicidade de 'eus' com a idéia de que apresentamos máscaras superficiais que esconderiam o nosso verdadeiro "eu", escondido na profundidade do nosso ser. Berger e Luckmann, dois antropólogos, afirmam que em sociedades mais simples, onde ocorre uma pequena divisão do trabalho e menor distribuição do conhecimento, os papéis são bem definidos, não havendo contradições entre a imagem que as outras pessoas fazem de uma determinada pessoa e a imagem que esta faz de si mesma.

Essa heterogeneidade de papéis, valores, concepções de mundo, não raro entrando em confronto, podem gerar um sentimento de

incapacidade para formar uma concepção de mundo integrada e coerente. Nem sempre a imagem que as outras pessoas fazem ou esperam de nós corresponde à imagem que fazemos de nós mesmos. Essa é uma situação freqüentemente vivenciada pelo adolescente e que, embora não seja um fenômeno exclusivo da adolescência, atinge-o com maior intensidade, pois ele está assumindo de forma crescente papéis cada vez mais complexos do mundo adulto.

O adolescente de hoje ainda enfrenta a enorme velocidade com que as mudanças ocorrem em nossa sociedade. Os valores que serviram de suporte para nossos pais já não são os mesmos que a juventude atual cultiva. As transformações sexuais, tecnológicas, morais e sociais que marcam o nosso presente não possuem nenhuma garantia de que serão sustentadas no nosso amanhã, dificultando a transmissão de valores que eram tranqüilamente passados de geração para geração.

As nossas crises pessoais, as crises do nosso tempo, a crise dos valores, devem ser consideradas de forma contextual. Uma crise não significa apenas confusão ou degradação, mas significa, sobretudo, uma oportunidade ímpar de renovação, crescimento e construção.

1.1. Leitura complementar

O caminho da auto-realização
In Compreensão e Ajuda ao Outro

Franz Victor Rúdio, pág. 87.

"*Faz parte essencial da natureza do homem ser impelido para se relacionar com o mundo em que vive e, sobretudo, com os seus semelhantes. Nos momentos de autenticidade, o homem entra em acordo consigo mesmo e, assim, convive bem com as outras pessoas, pois só pode se relacionar bem com os outros aquele que se relaciona bem consigo; ou, apresentando a mesma idéia na sua forma negativa, a maior dificuldade que temos no relacionamento com as pessoas não provém daquilo que elas são ou fazem, mas daquilo que nós somos.*

Para se autoconstruir, o indivíduo tem que se relacionar, pois é deste modo que ele recebe todos os recursos de que necessita. Mas o relacionamento é, também, uma fonte constante de conflitos e que leva, inclusive, o indivíduo a frustrar a si mesmo. De fato, ele pode perceber – de modo real ou meramente imaginário – que, para efetivar determinada potencialidade ou para exercitar um certo poder pessoal, terá que fazer confrontos com pessoas, sobretudo as significativas, que podem desaprová-lo, recriminá-lo e até hostilizá-lo. Neste caso, com receio de, por exemplo, perder o seu agrado e estima, ele prefere reprimir e não tomar conhecimento das exigências naturais para a sua auto-realização. Desta maneira, ele deve aprender a arte de se relacionar para ganhar e não se perder no convívio com os outros."

1.2. Pontos para reflexão e debate

Por que, sem compreender-se e aceitar-se, é muito difícil que o adolescente assuma uma atitude autêntica de autocuidado?

Você concorda com o ditado indígena transcrito no texto? Indique as razões de sua resposta.

Corporeidade e personalidade podem ser compreendidas uma sem a outra? Por quê?

Por que o autocuidado é um bom ponto de referência para se compreender a adolescência?

Por que, na sua visão, a auto-imagem corporal é tão importante para o adolescente?

1.3. Sugestão de atividades

Auto-retrato – Eu diante de mim mesmo

Objetivo:

Fazer um levantamento da percepção de si mesmo, levando em conta as diversas facetas apresentadas em cada contexto específico, observando as dimensões:corporal, da experiência, da subjetividade e da consciência.

Material:

Papel, lápis de cera, canetinhas coloridas, lápis, tesoura, cola, revistas velhas etc.

Processo:

1. Pare e pense um pouco sobre você:

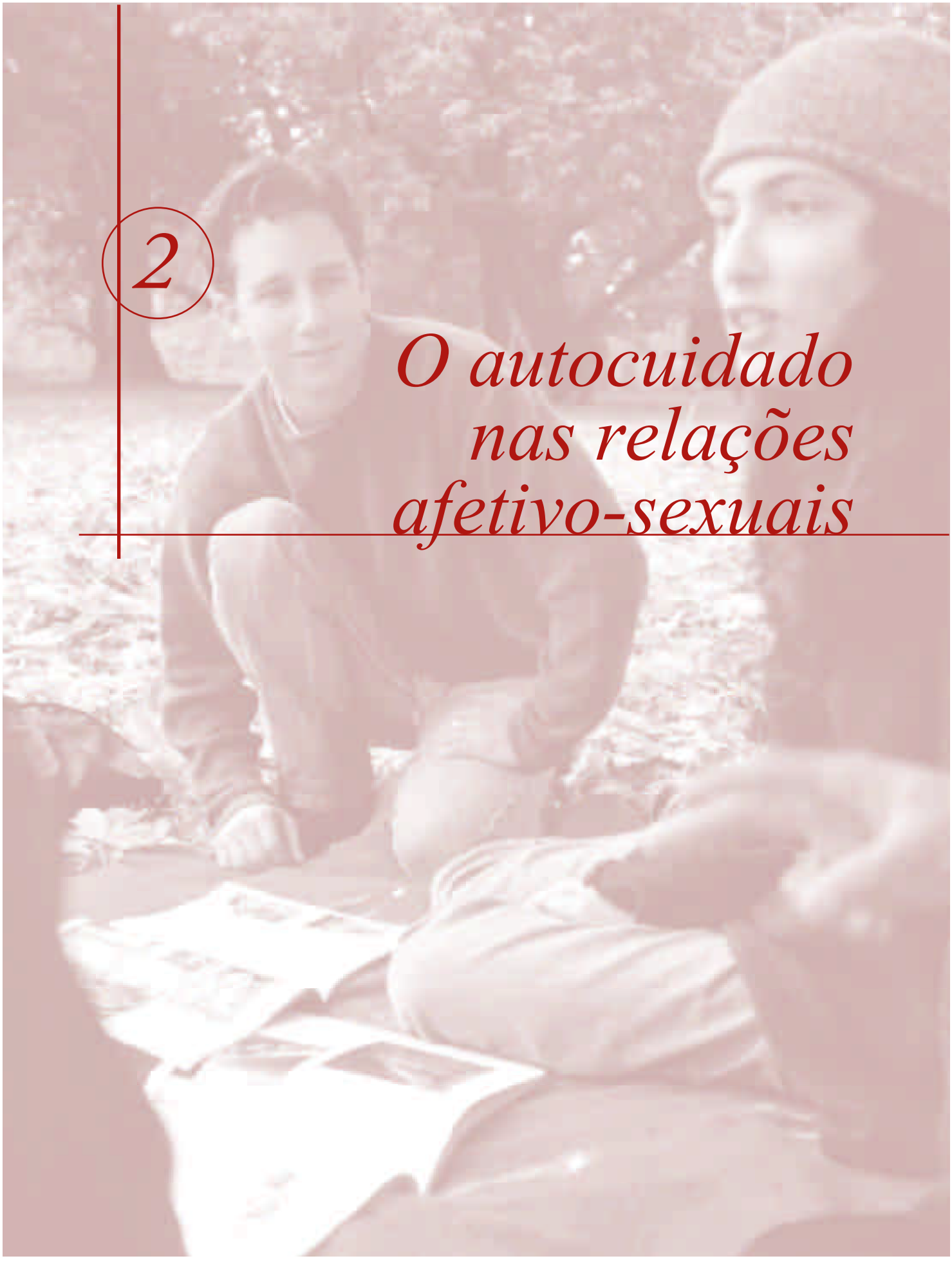
- na dimensão corporal, como você se vê?
- na dimensão da experiência, como você vê a sua atuação no mundo?
- na dimensão da subjetividade, como você se vê no contato consigo mesmo e com os outros?
- na dimensão da consciência, como você representa o mundo e qual a coerência entre a representação que você faz da realidade e suas atitudes diante dessa representação?

2. Construa um auto-retrato, utilizando recursos expressivos à sua escolha (desenho, colagem, texto escrito etc.);

3. Procure uma poesia que se pareça com você;

4. Selecione uma música que de tão parecida poderia ser o seu hino;

5. Estabeleça uma cor que possa representar o seu temperamento;
Com o tempo, volte ao retrato e observe o que muda, o que fica, o que deve ser preservado e o que necessita ser transformado.



2

O autocuidado nas relações afetivo-sexuais

As relações afetivo-sexuais constituem a espinha dorsal do equilíbrio humano. A partir dela é que se tecem os encontros e desencontros ao longo da vida. Isto acontece desde muito cedo, desde quando se criam as expectativas dos pais sobre o futuro bebê e naqueles primeiros dias de convivência familiar. Fonte do prazer de estar interagindo com outros seres humanos, é por meio destas interações que se aprende a amar o outro e a si mesmo e a compartilhar valores e crenças, desejos e sonhos, vitórias e derrotas.

O afeto e a sexualidade, quando estão associados, são a forma mais íntima e profunda de troca de cuidados mútuos, desenvolvendo a sensibilidade necessária para que o adolescente e o adulto futuros possam cuidar de si e de outros. Neste sentido, o cuidado e a atenção para si e para o outro, tecidos na experiência vivida dos afetos que se trocam, tornar-se-ão a base emocional, cognitiva e comportamental

que sustentará ações dos adolescentes dirigidas em benefício do grupo e da comunidade em que vivem.

A melhor compreensão sobre a importância das relações interpessoais sobre a vida humana pode ser obtida mediante uma atividade coordenada de observação sobre os cuidados necessários ao bebê nos seus primeiros meses de vida. Identificar o significado e o efeito de cada cuidado – higiene, toque, amamentação, alimentação, som, abrigo, vacinação, escuta, entre outros – para a sua trajetória existencial posterior corresponde a uma definição da LINHA DO TEMPO DO CUIDADO de cada um.

É a amamentação o primeiro exemplo do cuidado com o outro. Por ser a nossa fonte de prazer e saciação original, esse outro será sempre aquele para o qual dirigimos os nossos esforços, atenção e cuidados, na expectativa de que possamos ser também recompensados com emoções análogas. Os elementos socioculturais que serão contínua e construtivamente acrescentados em nossas vidas tornarão essas relações afetivo-sexuais mais complexas com o passar do tempo, marcadas por elementos históricos, pelas mudanças de valores e práticas em relação ao corpo, pelo lugar que o afeto ocupa no rol das relações sociais.

A vida afetivo-sexual e o amor do homem e da mulher são a mais radical e profunda de todas as experiências humanas. E são experiências exigentes: o autocuidado e o cuidado com o outro têm aqui uma presença fundamental, são vitais para os encontros entre os seres humanos.

No entanto, é preciso admitir desde o início: a sexualidade humana não pode ser reduzida ao biológico, ao genital, aos hormônios, ao corpo. Nós não temos sexo. Nós somos sexo.

A sexualidade está presente em todas as dimensões do ser humano e sua força se manifesta de maneira distinta em cada uma das esferas da nossa existência. Nada escapa ao seu poder de influência. Do biológico

ao espiritual, no ser humano, nada está isento da irradiação da sexualidade. O primeiro ponto a considerar é que não se pode reduzir a conduta sexual dos jovens a um conjunto de regras, sejam elas de inspiração científica, legal ou religiosa. A questão é de princípio, e depende da visão que as pessoas tenham de si mesmas e do mundo. O fundamental é a adoção pelo jovem de uma ética de responsabilidade, de compromisso e de solidariedade para consigo mesmo e com os outros.

É lícito, por exemplo, não se prevenir de uma gravidez inesperada na adolescência quando os jovens pais ainda não dispõem de si mesmos em aspectos fundamentais como a idade, a maturidade, os estudos, a profissão e meios para ganhar a vida?

É lícito, num tempo como o nosso, expor-se ou expor outra pessoa ao risco de contração de uma doença sexualmente transmissível?

Na obra Educação e Revolução, do grande educador italiano Lucio Lombardo Radice, no que se refere à questão da sexualidade, o autor sintetizou sua posição numa fórmula muito feliz: "Nem anátema nem culto ao sexo".

Tão importante quanto combater as atitudes repressoras e culpabilizantes em relação à sexualidade juvenil é chamar a atenção dos pais e dos educadores e, principalmente, dos jovens, para certas posturas que praticamente impõem ao jovem de hoje uma iniciação sexual precoce. Esta é uma ética sexual falaciosa e enganadoramente "moderna".

Mais do que de catálogo de proibições ou de slogans incentivadores, os jovens precisam receber das gerações adultas elementos que lhes permitam decidir, de maneira fundamentada e coerente com os valores que lhes são caros, a orientação que pretendem imprimir à dimensão afetivo-sexual de suas vidas, cabendo-lhes decidir, inclusive, se devem ou não iniciar uma atividade sexual plena já na adolescência.

A possibilidade de tomar as decisões implicadas na vida sexual ativa, especialmente em sua iniciação, está intimamente ligada à auto-estima e ao

exercício do autocuidado. Qualquer iniciativa de educação para a sexualidade que se queira efetiva precisa considerar essa conexão definidora.

Um fenômeno curioso está acontecendo na educação brasileira. Nunca se falou tanto de sexo nas escolas, na televisão, nas revistas, nos suplementos juvenis e em toda parte. O volume de informações disponíveis sobre o assunto jamais foi tão grande entre nós. Cresce, no entanto, o número de casos de gravidez na adolescência. O que estaria ocorrendo?

Os jovens estão sendo informados, mas não estão sendo afetiva e eticamente formados para tomar decisões maduras e fundamentadas a respeito de como conduzir-se na esfera afetivo-sexual.

Nesses casos, o que está ocorrendo não é a falta do conhecimento instrumental sobre o que e o como fazer ou não fazer. O que está faltando é o desenvolvimento de uma atitude básica diante da vida, que inclua uma visão mais refletida por parte do jovem acerca de si mesmo, do outro e do mundo onde ambos se inserem.

Visualizamos, como parte do esforço para dar conta dessa situação, a necessidade de que se reabra espaço para um novo diálogo entre jovens e adultos, um diálogo que se dê na escola, na família e nos meios de comunicação e que tenha por tema as grandes indagações que o ser humano sempre se fez ao longo da história: de onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida? E qual o lugar e o papel que o amor e a sexualidade estão chamados a cumprir nesse contexto maior?

Mais do que obter respostas seguras, mais do que construir grandes consensos entre as gerações, o objetivo desse diálogo deveria ser possibilitar que jovens e adultos descobrissem ou redescobrissem o verdadeiro significado dessas indagações para a vida de todos e de cada um.

2.1. Leitura complementar

Afetividade: uma visão positiva da sexualidade

Lêda Casasanta
Marco Antônio Martins de Carvalho
Marisa Marlu Brito

Como se pôde constatar até aqui, é impossível tratar a sexualidade desvinculando-a da afetividade presente nas relações interpessoais. O significado da palavra confirma a natureza abrangente do conceito. O dicionário Aurélio diz que afetividade é um "conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza."

As relações interpessoais, por serem de natureza afetiva, não são exclusivamente prazerosas. Mesmo no amor, nem tudo são flores: há as rosas e os espinhos. É preciso aprender a conviver tanto com o carinho quanto com a raiva, quando ambos são manifestações do mesmo amor, em momentos e situações diferentes. Viver intensamente inclui sentir, expressar emoções e captar os sentimentos alheios, reagindo a eles assertivamente e com generosidade. O afeto, as emoções e os sentimentos presentes nas relações de comunicação interpessoal são peças-chave no desenvolvimento de uma sexualidade saudável e positiva.

Nesse contexto interativo, ações e atitudes da vida afetiva e sexual devem ser alimentadas de informações seguras: cada um precisa conhecer bem os órgãos de seu corpo e suas reações, assim analisando criticamente tabus, superstições e mitos.

O conhecimento é o grande capital do ser humano nesta virada

de milênio. Já estão disponíveis em todo o planeta informações científicas confiáveis, capazes de fundamentar decisões seguras e consistentes. Mas, para tomar decisões assertivas, a pessoa precisa de algo mais que isso. Precisa ter valores em que se basear, auto-confiança e determinação para assumir as conseqüências. É fundamental, portanto, que ela tenha desenvolvido uma auto-estima positiva.

A auto-estima é uma das condições básicas para que o adolescente tome decisões acertadas ao escolher parceiros, estabeleça limites nos relacionamentos, respeite os valores e as opções dos outros, resistindo a influências que tentem desviá-lo de seus princípios e convicções. Conhecendo seu próprio valor e suas limitações, o jovem pode assumir livremente seu papel sexual, consciente de sua própria dignidade e com respeito pelo outro.

2.2. Pontos para reflexão e debate

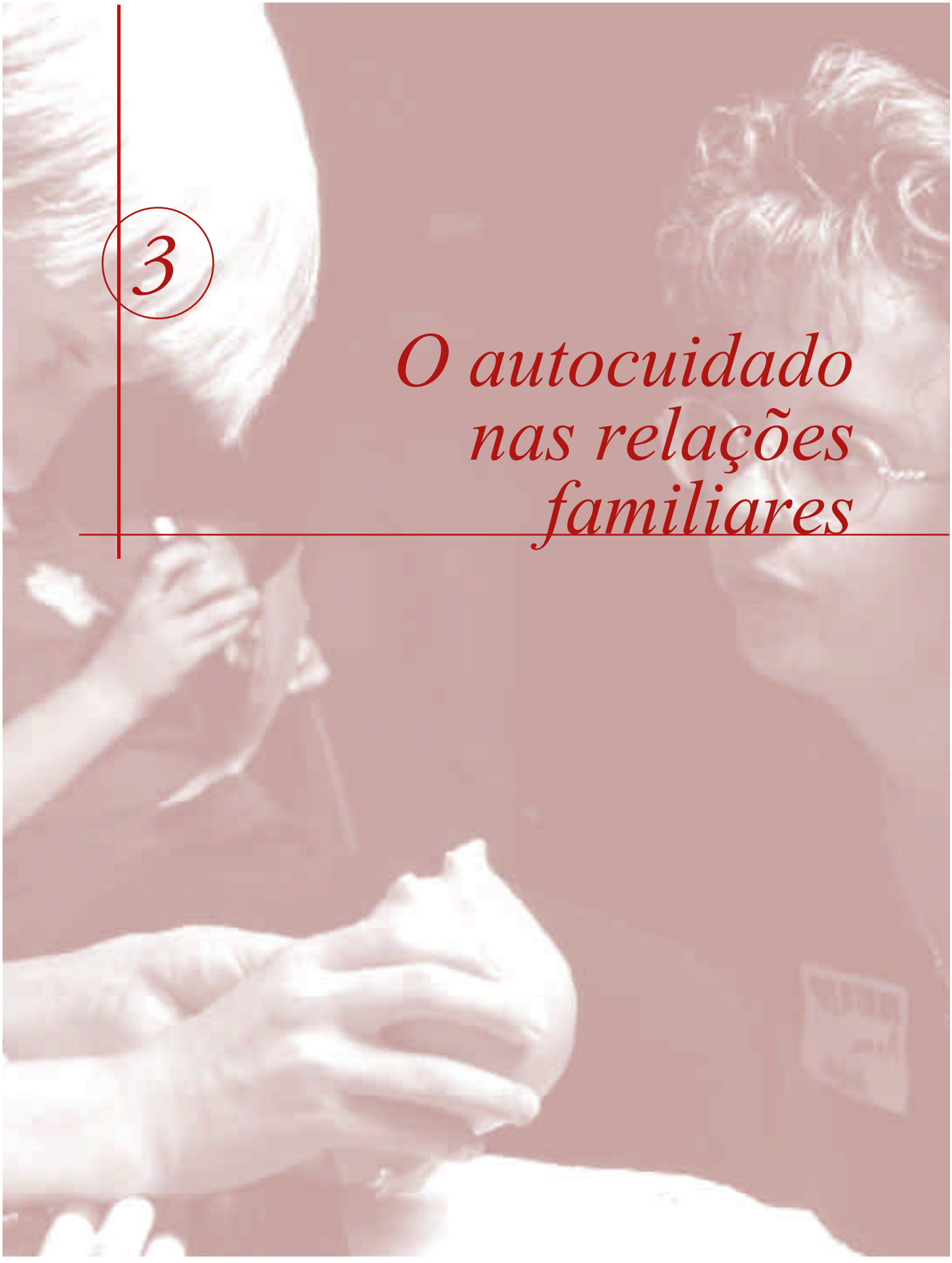
Você concorda que a afetividade e, dentro dela, a sexualidade se constituem na espinha dorsal do equilíbrio humano?

Como você vê o chamado *ficar*, ou seja, a interação afetiva sem maiores compromissos mútuos, hoje muito adotada pelos adolescentes?

O relacionamento afetivo-sexual exige uma postura permanente de cuidado e autocuidado por parte dos jovens. Comente esta afirmação.

A conduta afetivo-sexual de um adolescente não depende só de informações, mas também e fundamentalmente, de valores. Comente esta afirmação.

O que, do seu ponto de vista, poderia ser melhorado na educação afetivo-sexual ministrada em sua escola?



3

O autocuidado nas relações familiares

O conceito de família nos parece óbvio: um agrupamento de pessoas ligadas por laços consangüíneos, normalmente formado por pai, mãe e filhos, e que vivem numa mesma casa. Entretanto, essa definição diz respeito a apenas um tipo de família, a família nuclear. No Brasil, são diversas as possibilidades de arranjos familiares que não se enquadram nesse perfil. Precisamos de políticas públicas que gerem programas de apoio à família, considerando essa diversidade de situações.

Tem crescido muito o número de famílias formadas apenas por mães (família matrifocal), que são responsáveis pelo sustento da casa e dos filhos. Esta família merece uma atenção especial por ser uma situação com possibilidades de risco para os seus membros. Normalmente, a mãe acumula uma sobrecarga de responsabilidades: trabalha fora de casa para manter o sustento da família, trabalha dentro de casa (arrumando, lavando, cozinhando) e, o que é mais difícil, assume sozinha a responsabilidade sobre o cuidado e a educação dos filhos. Portanto, ao falar de família, precisamos considerar também as

relações estabelecidas nos espaços não configurados pelo triângulo pai, mãe e filhos.

Embora existam diferentes tipos de arranjos familiares, uma premissa está presente em todas elas: a família, independentemente do tipo de estrutura, é uma organização fundamental na constituição do sujeito. É no seio familiar que são tecidas as primeiras relações sociais da criança, permitindo-lhe criar modelos de interação com outras pessoas fora do universo familiar. Estas relações iniciais com as pessoas significativas dos primeiros anos de vida constituem a base que irá moldar os relacionamentos futuros. Se a criança desenvolve, com seus familiares, um vínculo de confiança forte e estável, ou seja, se ela se sente amada, cuidada e valorizada, tenderá a desenvolver relacionamentos significativos, estáveis e satisfatórios na adolescência e na vida adulta. Se, ao contrário, as condições para desenvolver esse vínculo forem marcadas por insegurança ou instabilidade, essas características poderão se estender a seus relacionamentos futuros.

A família é a ponte entre o individual e o coletivo, espaço-síntese onde são reproduzidas e reapropriadas as práticas culturais da comunidade, da classe social e da sociedade. Como célula social, a família também é um espaço privilegiado para a renovação dos valores sustentados pela sociedade e, neste processo, o adolescente possui um papel fundamental, pois consolida as transformações que acompanham as novas gerações.

O choque de valores é, certamente, a questão mais comum vivenciada pela família do adolescente. Os conflitos advindos desse confronto entre gerações podem ser manifestos ou latentes e a forma de lidar com esses conflitos pode ser autoritária, quando o adulto impõe a sua verdade como a única possível, ou democrática. Quando há um respeito pela alteridade e pela individualidade do outro, priorizando-se o diálogo para o enfrentamento da crise, define-se um modelo de crescimento. Quando ambas as partes do conflito são ouvidas e quando se possibilita, pelo diálogo, uma negociação, cada membro envolvido aprende a ceder e a ser acolhido em suas necessidades.

Para colaborar com as famílias dos educandos sugere-se, através de atividades interativas:

a. identificar como estão distribuídos os papéis entre os filhos adolescentes, especialmente os papéis sexuais.
b. as meninas são encorajadas a desenvolver habilidades acadêmicas?
c. os meninos são encorajados a desenvolver habilidades sociais?
d. meninos e meninas: os sexos possuem responsabilidades equivalentes?

Estas são questões que provocam freqüentes atritos entre os irmãos de sexos opostos, pois normalmente a menina possui sua liberdade restringida, quando comparada às possibilidades que são oferecidas ao menino. É importante buscar juntos – adultos e adolescentes – um equilíbrio possível para construir limites que não signifiquem proibições, mas que representem o cuidado necessário que irá facilitar o desenvolvimento daqueles que nos são caros.

No relacionamento pai-filha, muitas vezes, o pai se sente desajeitado em fazer carinhos devido ao temor do desenvolvimento da sexualidade. Como conseqüência, ele se afasta e evita os contatos físicos. Esse tipo de reação por parte do pai pode provocar na menina um sentimento de rejeição, o que poderá dificultar seus relacionamentos afetivos com o sexo oposto.

É na família que a identidade vai se constituindo. São desenvolvidos os significados de ser homem ou de ser mulher, os comportamentos ligados à saúde física e mental, as primeiras lições de amor e de desamor, a importância sobre o cuidado com o outro e o autocuidado. A forma como a família desenvolve práticas de cuidados com seus adolescentes será um fator fundamental para instrumentalizar esses jovens com valores e habilidades que lhes permitam assumir crescentemente as responsabilidades do cuidado com o outro e do autocuidado.

Identificando a relevância do espaço familiar para construção dos hábitos e valores que serão cultivados pelo adolescente: como a família e a escola podem se auxiliar e se complementar no incentivo ao autocuidado?

3.1. Leitura complementar

O papel da família

Declaração Mundial Sobre a Sobrevivência,
a Proteção e o Desenvolvimento da Criança nos Anos 90

A família é a principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, da infância à adolescência. A iniciação das crianças na cultura, nos valores e nas normas de sua sociedade começa na família. Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão. Portanto, todas as instituições da sociedade devem respeitar e apoiar os esforços dos pais e de todos os demais responsáveis para alimentar e cuidar da criança em um ambiente familiar.

Todos os esforços devem ser feitos para evitar que a criança seja separada de sua família. Quando esse afastamento ocorrer por motivos de força maior ou em função do interesse superior da criança, é necessário que se tomem providências, de modo que ela receba atenção familiar alternativa apropriada, ou seja, colocada em alguma instituição, sempre levando em consideração a importância de continuar a criação da criança em seu próprio meio cultural. Os grupos familiares, os parentes e as instituições comunitárias devem receber apoio para poderem suprir as necessidades das crianças órfãs, refugiadas ou abandonadas. Esforços devem ser envidados para evitar a marginalização da criança na sociedade.

3.2. Pontos para reflexão e debate

Como você vê a diversidade de arranjos familiares nos dias de hoje?

Em termos de valores, o conflito está sendo substituído pelo distanciamento nas relações entre jovens e adultos. Você concorda com esta afirmação?

Você acha que a escola prepara os jovens para as responsabilidades da vida familiar?

A que você atribui o aumento do caso de gravidez na adolescência no Brasil, hoje? À família? À escola? A ambas? Por quê?

A família é a ponte entre o individual e o coletivo. Comente esta afirmação.

3.3. Sugestão de atividades

Aprendendo a conjugar o verbo ser

Objetivo:

Refletir sobre o tempo de ser, dando ênfase à visão de que a competência pessoal é uma formação que se inicia até mesmo quando o ser humano é apenas uma idéia na mente do pai e da mãe e vai se modelando infinitamente enquanto houver vida.

Material:

Poema *Verbo Ser*, de Carlos Drummond de Andrade

Processo:

1. Leia e reflita sobre o texto retirado do prefácio de Bruno Bettelheim ao livro "Como amar uma criança", de Janusz Korczak:

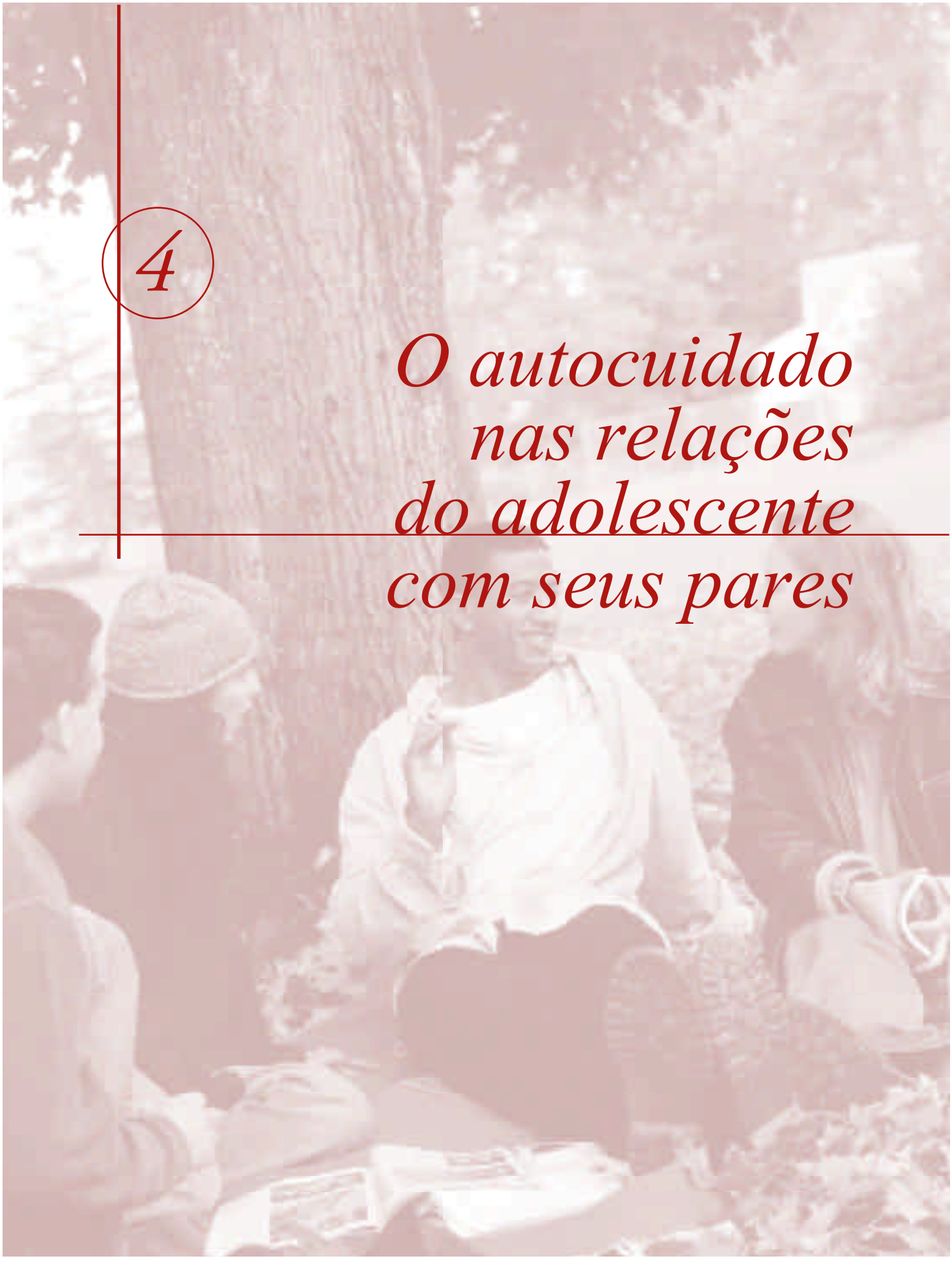
"É preciso ver na infância, não um período de desenvolvimento tendo como fim o seu desabrochar na idade adulta, mas um estágio de vida, tão importante em todos os seus aspectos quanto a maturidade. Muitas vezes, a infância é considerada apenas como uma preparação a uma determinada vida futura, enquanto que, na realidade, cada momento é importante por si mesmo, e não pelo que acontecerá mais tarde como conseqüência. A criança e o adolescente devem ser amados e respeitados como crianças e como adolescentes, e não, pensando no adulto que eles serão mais tarde."

2. Leia, em seguida, o poema "Verbo Ser", de Carlos Drummond de Andrade – Boitempo II:

VERBO SER

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor.
Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer?
Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível ser? Dói? É bom? É triste?
Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas.
Repito: ser, ser, ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender.
Não vou ser.
Não quero ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser.
Esquecer.

3. Qual a relação existente entre os dois textos?
4. Comente cada um deles.



4

O autocuidado nas relações do adolescente com seus pares

O outro que é um par (compartilhar brincadeiras, sonhos, amizades e desavenças) é diferente do outro que é um adulto (orienta, ensina, limita, pune e protege). Complementaridade e conflito sempre existem quando se trata de relacionar o grupo de pares e a família ou a escola.

A busca do adolescente por novas experiências freqüentemente é uma fonte de risco. Esta busca por novidades se dá em parceria com outros adolescentes e é parte necessária do seu desenvolvimento. Neste sentido, o comportamento de risco estaria voltado, igualmente, para a organização ativa e protagônica dos relacionamentos do adolescente com outras pessoas, sejam elas adultas ou não. Compartilhar riscos é definir uma identidade grupal, um pertencimento social que é decisivo na formação da subjetividade de cada indivíduo.

O que são comportamentos considerados tipicamente arriscados?

Adolescentes que adotam comportamentos de risco, mesmo tendo conhecimento de suas conseqüências, não mudam, necessariamente,

seu comportamento a partir do conhecimento cognitivo sobre o potencial agressivo. Escutar informações a respeito dos riscos do uso do álcool não os impede de dirigir alcoolizados. Nem aos adultos. Aliás, não são principalmente os adultos que dirigem embriagados? Fatos tão simples quanto estes questionam o mito de que os adolescentes adotam invariavelmente comportamentos de riscos para aderirem e serem aceitos nos grupos, onde haveria uma cultura juvenil voltada para a transgressão. Confunde-se, neste caso, a necessidade que eles têm de aprovação por parte dos amigos com uma suposta barreira cultural entre gerações, que levaria a uma demarcação muito nítida entre o que fazem os adolescentes e o que fazem os adultos.

E mais: idealiza-se o adolescente enquanto um ser "fora do alcance" da ação pedagógica, propenso "naturalmente" a agir de modo arriscado e irrefletido. Isso é subestimar o adolescente, é vê-lo apenas como parte do problema, e não, como parte da solução.

Entretanto, pares e adultos significativos são, por meio de conflitos e de complementaridade, os outros meios sociais com os quais, em intensa interação, os adolescentes formam sua própria personalidade. A preferência pelo grupo de pares e a rebeldia daí resultante são uma maneira de afirmar um caminho pessoal de adesão ao mundo dos adultos, modificando-o, deixando as marcas da jovialidade e da mudança.

Grupos sociais, de fato, constituem modelos de referência para os indivíduos que agem no seu interior. Normas grupais ou padrões de conduta que alimentam as ações dos membros de um grupo servem como âncoras na estruturação do campo perceptivo de cada pessoa. É a participação no grupo que vai definindo o convívio com determinadas normas, que vai estruturando e conferindo significado às experiências pessoais mediante sua aprovação, seu controle, sua crítica. O grupo de referência é o produto das interações e comunicações que os adolescentes associadamente estabelecem entre si.

O comportamento de risco é aquele resultante das internalizações de normas que fazem do grupo uma referência para a organização das experiências pessoais. Por sua vez, estas internalizações só podem acontecer como efeito das interações pessoa-a-pessoa, num processo de negociação dos valores e crenças que formavam, até então, o patrimônio psicológico com o qual cada adolescente chega ao grupo. As preferências de aproximação no interior do grupo serão decisivas neste processo de participação negociada, no qual a formação das normas e dos padrões grupais estabelecerão determinados modelos de cuidado, de autocuidado ou não.

A identidade do adolescente, construída no ambiente da família e dos grupos de pares, é feita através do método da experimentação. Sua personalidade vai se formando neste processo. Fundamental para que tal processo aconteça é a oportunidade do adolescente falar de sua própria experiência. Perceber sua experiência como algo pessoal, isto é, vivido por ele e com traços da diferença de sua vida em relação à vida de seus pais e dos outros adolescentes: essa sua "aventura de vida" vai sendo elaborada como a sua referência.

Falar e falar com entusiasmo sobre sua própria experiência é fundamental para a construção de sua identidade. Nesta perspectiva, podemos ver o comportamento de risco como algo inevitável, e até necessário, porque os riscos são fonte de novidade, de mudança, de enfrentamento do novo, do fortalecimento da sua capacidade de controle e de contínuo exercício para o seu próprio desenvolvimento pessoal.

4.1. Leitura complementar

O aprendizado da convivência ética

O mapa do mundo está mudando rapidamente, como um caleidoscópio. O projeto de futuro dos países e da humanidade parece perder-se num horizonte de interrogações. As pessoas, com o enfraquecimento das fronteiras físicas, econômicas e culturais, desenraizaram-se: mudam de cidade, estado ou país com muito mais freqüência e facilidade que em décadas anteriores. A família nuclear, geralmente com poucos membros, reúne, muitas vezes, adultos e crianças que já participaram de uniões anteriores. Nos grandes centros urbanos, não existe mais a convivência numa família ampliada, da qual participariam tios, primos, avós. As oportunidades de associação entre jovens e adultos e até entre jovens da mesma idade estão restritas quase exclusivamente à escola.

Devido a essas transformações da estrutura familiar e social, muitas das oportunidades tradicionais de elaboração dos papéis sexuais e de desenvolvimento da capacidade de comunicação e intimidade deixaram de estar disponíveis para os adolescentes. O apoio de grupos de convivência de que participem adultos que estão acima da ambivalência da relação parental-filial é essencial para a elaboração dos fundamentos éticos da vida sexual e social.

A diversificação das relações afetivas e sociais contribui para a compreensão de "quem sou eu" em círculos mais amplos que os familiares, mas ainda não tão amplos e impessoais quanto costumam ser os do mundo do trabalho e das organizações. Com o apoio dessa vinculação transicional, a identidade em formação tem mais chance de superar a confusão de valores típica da adolescência.

4.2. Pontos para reflexão e debate

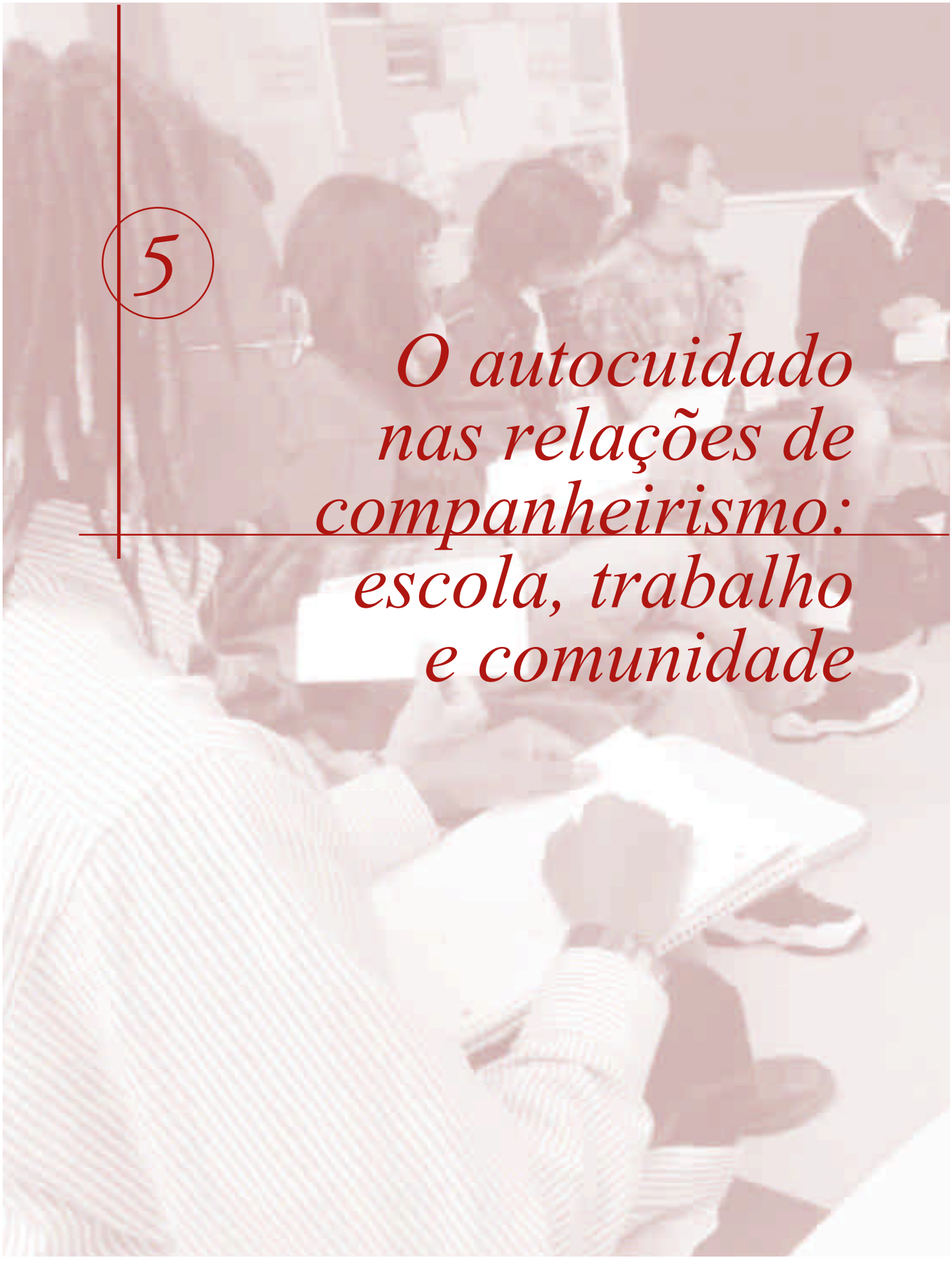
A maior parte das variáveis de risco ocorre quando o adolescente dispõe de tempo livre e está se relacionando com seus pares (outros adolescentes). Comente esta afirmação.

É melhor preparar o jovem para enfrentar as situações de risco que tentar preservá-lo, mantendo-o numa falsa redoma. Você concorda? Por quê?

É no seu grupo de pares que o adolescente nasce para a sociedade. O que você acha dos grupos como espaços de busca e auto-experimentação por parte do jovem?

Uma política para a juventude deve criar oportunidades construtivas do uso do tempo livre e, ao mesmo tempo, canalizar construtivamente seu relacionamento com seus pares? Comente.

Você acha que os educadores de hoje estão preparados para lidar com as manifestações grupais do comportamento juvenil? O que você acha que poderia ser feito para melhorar o desempenho dos educadores neste campo?



5

O autocuidado nas relações de companheirismo: escola, trabalho e comunidade

O companheirismo não é só um valor ético ou uma virtude a ser incentivada, mas representa uma atitude necessária ao desenvolvimento saudável. O companheirismo pode estar associado a, pelo menos, duas idéias básicas: compartilhar e cuidar do outro. Compartilhar e cuidar consolidam-se na idéia de solidariedade. Aprender estes valores desde cedo é fundamental para determinar o comportamento posterior do adolescente e do adulto em relação aos seus companheiros de trabalho e de escola e à comunidade da qual participa.

O adolescente não é, ainda, um cidadão pleno; mas também não é apenas um habitante. Ele olha as pessoas ao seu redor e se compromete com elas, particularmente aquelas com as quais estabeleceu uma relação afetiva. Este compromisso é uma escolha, uma decisão de acompanhá-las, de estar atenta a elas, compartilhando o que elas sentem, apoiando-as em suas realizações, associando-se a elas em metas e objetivos comuns, respeitando e tolerando as diferenças.

Em qualquer ambiente, seja ele a escola, o trabalho ou a comunidade onde vive, o adolescente geralmente age em grupo e está, como já vimos, inevitavelmente marcado por ele. Estes ambientes, entretanto, estabelecem regras e normas que vão além das utilizadas e aceitas nos grupos de pares, podendo haver conflitos entre elas. Ora, não se trata de estabelecer tão somente os limites sociais das mudanças que os adolescentes geralmente promovem onde vivem e atuam: é preciso convidá-los a viver tais ambientes, que são, ao mesmo tempo, formadores e restritivos da formação.

Estes ambientes constituem mais um espaço onde eles podem desenvolver suas habilidades criativas e inovadoras, pelo incentivo e apoio às atitudes que indiquem e pratiquem a solidariedade entre seus membros. Encontrar companheiros na escola, no trabalho ou na comunidade é estabelecer compromissos de natureza social a partir dos laços de amizade pessoal; é, também, aprender a engajar-se em ações que, futuramente, serão decisivas para a sua vida.

Espírito comunitário

O sentimento de pertencimento à comunidade e a disposição para agir em proveito do seu desenvolvimento, que caracterizam o espírito comunitário, não podem se formar no adolescente se ele não aprende e pratica ativamente o companheirismo em seus ambientes de vida. Desde cedo, exatamente porque está muito preso ao seu círculo mais imediato de amizades, o jovem deve desenvolver suas potencialidades e habilidades no sentido de se integrar à vida comunitária, aprendendo não só regras de conduta socialmente aceitas, mas, sobretudo, que sua vida pessoal, seu bem-estar, depende da sua capacidade de ajudar a melhorar as condições e os modos de vida que prevalecem em sua comunidade.

Comprometer-se com a comunidade é comprometer-se consigo mesmo, é agir como protagonista de sua própria vida, através de ações que beneficiam a todos. É gostoso aprender, ainda jovem, que a melhor maneira de ajudar a si mesmo é pertencer e participar de grupos sociais, é compartilhar experiências, direitos e deveres com outros seres humanos. Pessoas que têm consciência da sua contribuição para o bem-estar coletivo vivem melhor, pois esse sentimento é uma grande fonte de prazer e aprendizado.

5.1. Leitura complementar

Protagonismo juvenil: educação para a cidadania

Antonio Carlos Gomes da Costa

Em seu livro A Era dos Extremos, uma das obras de não-ficção mais vendidas no Brasil, Eric Hobsbawm nos fala da brevidade do nosso século. Como um mau funcionário, o século XX chegou mais tarde e compensou o ocorrido saindo mais cedo. De fato, para Hobsbawm, nosso século começa em 1914, com a I Guerra Mundial, e termina em 1991, com a dissolução da União Soviética.

A Era dos Extremos é a grande conseqüência da Revolução Russa, que foi, podemos afirmar sem receio, o grande divisor de águas do acontecer político neste século. Todos os fatos podiam ser avaliados como favoráveis ou contrários a esse acontecimento básico. A Guerra Civil Espanhola, o Eixo Roma, Berlim e Tóquio, a II Guerra Mundial, a Guerra Fria e, finalmente, a queda do Muro de Berlim, com a conseqüente derrocada do chamado socialismo real.

Durante essa Era dos Extremos, também os educadores perfilaram-se em dois blocos antagônicos. De um lado, aqueles que professavam uma visão mais individualista do ser humano e uma visão de sociedade baseada na democracia política e na economia de mercado. De outro, aqueles que viam o ser humano como agente de transformação social, envolvido na dinâmica maior da luta de classes, entendida como o motor da História.

Na prática, o que tivemos foi que, no lado ocidental, prevaleceu um tipo de homem muito autônomo e pouco solidário, o self-made-man, o homem que se faz por si mesmo. No lado leste, por sua vez, predominou um tipo de homem compulsoriamente solidário e muito pouco autônomo.

Ao virar a página da Guerra Fria, qual deve ser o nosso ideal antropológico? Temos defendido que seja aquele que reúna em si o melhor de dois mundos: o respeito à autonomia individual, cultuado no Ocidente, e os ideais de solidariedade que alimentaram o sonho socialista. Chegamos, assim, a um novo ideal de homem – solidário e autônomo.

Utopia irrealizável? Parece que não. Basta parar um pouquinho e lembrar daquela memorável série Gente que Faz, do antigo Banco Bamerindus, hoje HSBC. Quase todas aquelas histórias poderiam, em última análise, ser resumidas em duas palavras: autonomia e solidariedade.

Admitida essa premissa, nosso desafio pedagógico se torna a construção do jovem solidário e autônomo. Como fazê-lo? Não é preciso refletir muito para perceber que a questão central nesse desafio são os valores. Como nós, adultos, deveremos agir para transmitir às novas gerações esses valores básicos?

Logo, percebemos que não é por lições, prédicas, preleções, conselhos, exortações, explanações logicamente estruturadas e outros recursos nessa linha. O caminho deve ser o das práticas e vivências. É preciso reconhecer que é muito difícil para um adolescente assimilar uma atitude básica diante de si mesmo e do mundo que o cerca, senão pela vivência, pela experimentação.

É justamente nessa altura da reflexão que a introdução da idéia de protagonismo juvenil vem preencher um grande vazio teórico-prático. O núcleo da proposta é que, através da sua participação ativa, construtiva e solidária, o adolescente possa envolver-se na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na sociedade mais ampla.

Para que isso possa ocorrer, os educadores familiares, escolares e comunitários devem ver o jovem como fonte de três coisas

fundamentais: iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade). A palavra fonte quer significar que essas coisas devem brotar do jovem, e não, ser introjetadas nele de fora para dentro.

Qualquer ação que, obedecido esse pressuposto básico, envolva o jovem – não numa simulação, mas na resolução de algum problema concreto que transcenda a esfera das questões puramente pessoais – pode ser chamada de protagonismo juvenil. Um mutirão, uma campanha, a organização de um evento, de uma associação, de uma publicação, de uma manifestação contra ou a favor de alguma coisa. Protagonismo é tudo isso e muito mais. A gama de possibilidades realmente é enorme.

Por tudo isso, a construção pedagógica do jovem solidário e autônomo através do protagonismo juvenil pode e deve ser considerada uma forma superior de educação para a cidadania.

5.2. Pontos para reflexão e debate

Como você vê a relação entre companheirismo e cuidado?

Sem companheirismo e espírito comunitário, o autocuidado pode degenerar em um egoísmo narcísico. Comente esta afirmação.

Na sua visão, o que poderia ser feito para que o companheirismo seja melhor trabalhado nas escolas?

No seu relacionamento com a comunidade, o adolescente não deve ser visto como parte do problema, mas como parte da solução. Você concorda com esta afirmação?

O que você acha do protagonismo juvenil como método de educação para a cidadania?

6

O cuidado com a natureza

A questão ambiental tornou-se, nas últimas décadas, uma comunalidade, isto é, um problema que transcende as fronteiras de cada país e diz respeito à humanidade como um todo. De fato, nenhum país será capaz de resolver sozinho problemas da magnitude dos danos à camada de ozônio ou o efeito estufa.

Os direitos ambientais, por isso mesmo, têm sido considerados parte da família dos direitos humanos, juntamente com os direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais. Enquanto parte constitutiva dos direitos humanos, os direitos ambientais têm a peculiaridade de expressar, além do compromisso com as gerações presentes, uma inegável dimensão de solidariedade intergeracional, uma vez que eles expressam nosso compromisso com o direito à vida das gerações vindouras, ou seja, daqueles que ainda não nasceram.

Desde as conclusões do Clube de Roma, no início dos anos 70, e da Conferência de Estocolmo Sobre o Meio Ambiente (1972), o mundo

vem se tornando cada vez mais consciente da finitude dos recursos naturais e da necessidade de se construir modelos de desenvolvimento compatíveis com a idéia-força de sustentabilidade ambiental.

Surgido em 1992, na Conferência de Cúpula Sobre o Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, o conceito de desenvolvimento sustentável tornou-se o grande norteador das políticas e programas voltados para esta questão, assim como o eixo estruturador de um sem-número de iniciativas no campo da educação ambiental.

A idéia central deste novo paradigma ético-político é de que cada geração deve legar às gerações vindouras um meio ambiente igual ou melhor do que aquele recebido da geração anterior. Um provérbio africano divulgado pelo UNICEF durante a RIO–92 dá conta do sentido profundo deste princípio: "*O mundo que temos hoje nas mãos não nos foi dado por nossos pais, mas nos foi emprestado por nossos filhos.*"

Esta nova ética nos torna responsáveis pela preservação da biosfera terrestre para as novas gerações. O termo biosfera foi proposto pela primeira vez por V. I. Vernadskii, para quem os gases que compõem a atmosfera e os elementos químicos que formam a crosta terrestre resultam da atividade dos organismos vivos sobre o seu ambiente. Hoje, os estudos ecológicos demonstram que a interação dos organismos vivos com seu ambiente é responsável pelos ciclos vitais do planeta, ou seja, pelas redes que sustentam a vida.

O modelo que vigiu durante a era industrial não deverá prevalecer no próximo século. Romper com a utilização irracional dos recursos não-renováveis é o grande desafio da causa ambiental neste início de um novo século e de um novo milênio. Para deter a degradação ambiental, sustentam os ambientalistas, será necessário introduzir modificações substanciais no modo de vida vigente nos dias de hoje. Tais alterações, porém, não podem ser resumidas a soluções baseadas em tecnologias alternativas. É preciso mais. Muito mais. É imperativo mudar profundamente o modo como nos relacionamos com o meio ambiente

e isto não se faz sem uma abrangente e profunda Educação para Valores.

Esta Educação para Valores deverá empreender uma revolução copernicana em relação à nossa posição dentro do mundo natural. Até aqui, o homem concebeu a si mesmo como o senhor da natureza. Os novos tempos recomendam que seria de nossa parte mais humilde e mais realista que nos considerássemos irmãos das demais formas de vida, substituindo o senhorio e a dominação destruidora pela relação fraterna de quem se sabe dependente do sistema de relações que alimenta e retroalimenta a biosfera.

Esta nova relação com a natureza, no entanto, pressupõe e exige relações sociais de tipo novo. Reposicionar apenas as políticas públicas perante o novo quadro é importante, mas não é suficiente. É necessário mais do que isso. Sem a busca intransigente do balanceamento da transformação produtiva com a eqüidade social, países como o Brasil estarão condenados a seguir reeditando a crônica de exclusão, ignorância e brutalidade que foi o grande pano de fundo de todas as etapas de nossa evolução histórica até os dias de hoje.

A estratégia para alcançar este objetivo político é a da co-responsabilidade entre os três grandes setores da vida social. O primeiro setor, público com fins públicos, é o Governo. O segundo setor, privado com fins privados, é o mundo empresarial. E o terceiro setor, privado com fins públicos, é o das organizações civis sem fins lucrativos.

Só assim lograremos estabelecer as relações sociais responsáveis e solidárias que o novo paradigma requer para implantar-se.

A perspectiva que centrava no econômico toda a luta por transformações sociais já deixou de prevalecer. Considerações de ordem ética, cultural, social, política, religiosa e ambiental não podem deixar de ser tomadas em conta no momento em que se discute o rumo que deverão tomar as relações sociais no novo século.

Como os adolescentes estão no limiar do ingresso no mundo adulto, introduzi-los na compreensão desta nova visão do desenvolvimento é

fundamental. Como tudo na Educação para Valores, não basta que eles tenham uma compreensão racionalista da questão ambiental. Esta compreensão, para ser efetiva, deverá ser uma compreensão existencial, capaz de pervadir a totalidade do ser, abrangendo razão, emoção e ação.

Só assim, seremos capazes de, ao longo das próximas décadas, irmos revertendo a sociabilidade egoísta e centrada no indivíduo que vem caracterizando o mundo globalizado, a era pós-industrial e a cultura pós-moderna. Se não formos capazes de dotar as novas gerações de uma postura crítica e transformadora no campo das relações dos homens entre si e com o meio ambiente, simplesmente estaremos pondo em risco a própria possibilidade de um amanhã histórico para a espécie humana.

Precisamos encontrar saídas para vencer as nossas dificuldades e impasses. Para isso, será preciso reverter as tendências necrofílicas de uma ética de morte e de negação da vida, em favor de uma ética biofílica, isto é, vitalista, situada na base de um esforço conseqüente no campo da Educação para Valores.

Não temos outra opção a não ser vencer e vencer radicalmente, para que a felicidade dos humanos não seja fugaz, para que o longínquo dia de nossa partida do ventre planetário seja o recomeço de uma aventura que valeu a pena ter sido vivida.

Para tanto, devemos criar oportunidades educativas que:

1. dirijam-se não apenas à racionalidade do adolescente, mas que o envolvam também em termos de corpo, sentimento e ação;
2. sejam centralizadas no cotidiano e tenham por base ações afirmativas no aqui-agora, mas que não percam de vista a interligação desse cotidiano com os dinamismos maiores que sustentam a vida no planeta;

3. tenham um forte sentido estético, evocando o gosto, a sensibilidade e a busca de harmonia das pessoas entre si e com o meio em que vivem;
4. vejam o adolescente como fonte de liberdade, iniciativa e compromisso, atuando como parte da solução, e não, do problema;
5. envolvam toda a comunidade educativa em sua realização, de modo a ir criando na escola um clima favorável a uma relação de tipo novo com os ambientes escolar, comunitário, social e planetário em que educandos e educadores estão imersos.

6.1. Leitura complementar

Da Ecologia da Natureza à Ecologia Social
– Origem e evolução do pensamento ecológico

Renato Caporali

A ecologia foi uma ciência nascida com o objetivo de estudar as relações de uma espécie animal ou vegetal com o seu meio ambiente físico-químico ou de um conjunto de espécies entre si e com o meio. À medida que se foram aprofundando as pesquisas dessas interações, foi ganhando força a percepção do ser humano como parte integrante do ambiente natural e a consciência da relação entre o modo de viver dos seres humanos e sua forma de apropriação da natureza.

Nas décadas de 60 e 70, surgiram os movimentos ecológicos radicais que, contestando a civilização industrial, revelaram as dimensões sociais, políticas e éticas da ecologia. Esses movimentos evidenciaram que as sociedades ditas primitivas, como as dos indígenas brasileiros, embora parecessem pobres em comparação às sociedades industrializadas modernas, eram de fato ricas, porque dispunham de técnicas adaptadas às suas necessidades e ao seu meio. Nelas, trabalhava-se pouco e vivia-se bem. Os índios não viviam angustiados pelo medo da falta, da escassez, nem obcecados pela idéia da acumulação. Integrados aos ritmos naturais, gozavam de saúde e despendiam muito pouco tempo com aquilo que consideramos trabalho. Na sociedade industrializada, ao contrário, as pessoas, escravizadas pela necessidade de produção, pelo medo da pobreza e pelo desejo de acumulação, despendem a maior parte de suas vidas para satisfazer à manutenção da engrenagem produção-consumo, sem experimentar satisfação ou desfrutar de uma real qualidade de vida.

O alerta dos ecologistas radicais não deteve o avanço da

sociedade capitalista de consumo. A urbanização, compreendida de forma ampla, não como a parte construída das cidades, mas como o conjunto de manifestações do estilo de vida industrial-urbano sobre o rural, representa hoje a forma dominante de ocupação e organização do espaço. A transnacionalização da economia e a interligação dos territórios das várias nações estão impondo um modelo uniforme de relação do ser humano com o ambiente natural, modelo comandado pela lei do mercado, que considera tudo mercadoria. Montanhas, lagos, praias e cavernas transformam-se em espaços produzidos de lazer pago, explorados pela indústria do turismo. As grandes metrópoles são focos de problemas ambientais e de degradação. A poluição industrial, a destruição do tecido vegetal, os serviços sanitários precários (água, esgoto, lixo) ameaçam o cotidiano das populações, especialmente das populações pobres.

A ciência e a técnica não resolveram o problema das desigualdades sociais e nem mesmo o da fome. No nível planetário, estamos nos aproximando da ruptura do ponto de equilíbrio entre o sistema-mundo, compreendido como espaço construído pelos seres humanos, e o sistema-Terra, espaço vivo, que funciona segundo leis biológicas. Chegamos ao final do milênio com uma extraordinária capacidade produtiva e com conhecimentos múltiplos, mas com uma sociabilidade desestruturada, que beira freqüentemente o insensível e o pervertido.

6.2. Pontos para reflexão e debate

Como você vê o papel da escola na luta pela instauração de um novo paradigma nas relações do homem com o seu meio ambiente?

Você acredita que é possível mudar as relações do homem com o meio ambiente sem mudar as relações dos homens entre si? Justifique.

Qual a sua visão das relações entre ecologia e ética?

Como você avalia a educação ambiental praticada hoje em nossas escolas?

Você acha que meio ambiente é assunto apenas de professores de ciências e biologia? Por quê?

6.3. Sugestão de atividades

Programas de proteção ambiental

Objetivo:

Identificar e relacionar formas concretas de proteção do meio ambiente e de atuação de todos no compromisso com a vida em todas as dimensões, promovendo seminários, júris populares sobre temas ambientais, murais, dramatizações, concursos de cartazes e redações, entre outras atividades, juntamente com os educandos, suas famílias e a comunidade*.

Material:

A ser listado no decorrer do processo.

Processo:

1. Identificar os programas de proteção ambiental desenvolvidos no seu município e/ou estado;
2. Entrar em contato com os responsáveis para estudar a possibilidade de divulgação dentro da escola e na comunidade;
3. Elaborar um projeto junto a educadores, educandos e suas famílias

** Ministério Público, Poder Judiciário, universidades, ONGs de proteção ambiental, Conselho de Defesa do Meio Ambiente, Conselho de Saúde, profissionais de engenharia florestal, engenharia sanitária, saúde pública, geologia, agricultura, biologia, arquitetura e urbanismo, entre outros.*

e a comunidade, no sentido de compreender e debater as definições e/ou expressões abaixo:

i. Estudos de Impacto Ambiental (EIA)
ii. Relatório de Impacto Ambiental (RIMA)
iii. Ação Civil Pública de Responsabilidade sobre Danos ao Meio Ambiente
iv. Ação popular
v. Inquérito Civil Administrativo
vi. Criação de unidades de conservação
vii. Desapropriação
viii. Agricultura orgânica
ix. Usina de reciclagem
x. Usina de compostagem
xi. Tombamento
xii. Bens de interesse arqueológico, histórico, artístico e turístico
xiii. Código de águas
xiv. Solo rural e agrotóxicos
xv. Solo urbano
xvi. Mineração e garimpagem
xvii. Transporte de cargas químicas
xviii. Planos de zoneamento de ruídos
xix. Controle de comércio do mercúrio, detergentes e aerossóis
xx. Atividade nuclear
xxi. Agressão ambiental
xxii. Fauna

xxiii. Caça e pesca
xxiv. Flora
xxv. Floresta
xxvi. Recursos renováveis
xxvii. Estações ecológicas

4. Dar continuidade ao processo no sentido de conscientizar e compreender o papel dos diversos segmentos na solução de problemas ecológicos.

7

O cuidado com a dimensão transcendente da vida

No módulo anterior, voltamo-nos para o cuidado com a natureza. Refletimos sobre a insustentabilidade do modo como ainda hoje nos relacionamos com o meio ambiente na maior parte das situações do dia-a-dia, em todo o planeta. Constatamos a necessidade de mudar este paradigma. E concluímos que a conversão do ser humano a um relacionamento de tipo novo com a natureza passa, sem dúvida alguma, por um processo amplo e profundo de Educação para Valores.

Agora, neste módulo, vamos fazer o caminho inverso. Vamos avançar em busca daquilo que está além de nós mesmos, atentando para a necessidade da enorme transformação pela qual deverão passar os nossos sistemas de valores e práticas, se quisermos realmente estabelecer uma relação mais harmoniosa com a natureza e promover uma vida digna para todos.

O nosso ponto de partida é que temos como pedra angular de

nossa abordagem uma ética biofílica, ou seja, uma ética de amor, reverência, respeito e gratidão pela vida que, por isso mesmo, deve ser promovida e celebrada em todas as manifestações. Assim, voltamo-nos, em primeiro lugar, através do autocuidado, para a vida que está em nós mesmos. Depois, atravessamos os territórios das relações com o outro (interpessoais e sociais) e o das relações com a natureza, para, finalmente, confrontarmo-nos com a montanha das grandes indagações da existência humana.

Pelo nosso corpo, nos sabemos parte da matéria, matéria orgânica e mineral, que argamassa nossa estrutura. Desta constatação, nos vem a consciência de nosso pertencimento cósmico.

Nossas necessidades, nossos desejos, nossos sentimentos, nossos sonhos, aspirações, projetos e – acima de tudo isso – nossos vínculos afetivos com outros seres humanos transformam cada um de nós num ser de relações, um ser aberto em todas as direções. Um ser que se sabe humano com toda a carga de grandeza e de pequenez, de força e de debilidade próprias da nossa condição.

"Para que nasci?" "O que estou fazendo neste mundo?" Quem já não se fez perguntas como estas? Sabemos que as respostas a estas indagações podem variar muito de pessoa para pessoa e mesmo para uma mesma pessoa, dependendo da fase da vida ou da situação objetiva em que ela se encontra no momento em que a indagação é formulada.

Do ponto de vista puramente humano, cada um de nós nasceu para realizar-se, isto é, para tornar-se aquilo que pode ser, para realizar o seu potencial, para , ao longo da sua existência, construir-se a si mesmo. Cada vez que realizamos uma parcela do nosso potencial, temos a sensação íntima e profunda de que o sentido da nossa vida está se cumprindo, de que estamos no caminho e de que não estamos parados.

Nesta construção de nós mesmos, mantemo-nos atentos às exigências do nosso organismo. Buscar atendê-las com os nossos próprios meios é um dos indicadores do nosso crescimento em direção

à autonomia, à autodeterminação, ao autocuidado. Mas este cuidado por si mesmo só se reveste de inteligibilidade e de sentido plenos, na medida que ele nos ultrapassa e se volta para o outro, superando o egoísmo, que nos enclausura em nossos próprios limites, empobrecendo o nosso ser.

Recusar-se ao outro é negar a nossa essencial incompletude ontológica. É tentar sufocar uma exigência, que é constitutiva da nossa condição. É de nossa natureza buscar o crescimento, o conhecimento e o reconhecimento por meio das relações que vamos construindo ao longo da vida.

Este impulso interior no sentido da preservação e da realização do potencial de cada um é que nos faz crescer, superar as adversidades, interessarmo-nos pelo novo e a participar dos dinamismos do mundo que nos cerca.

Novamente é Franz Victor Rúdio quem nos elucida a condição humana de ser com os outros:

"Freqüentemente, costuma-se lembrar que o ser humano não pediu para vir ao mundo e que nem mesmo pôde escolher as condições para o seu nascimento: sexo, família, local, cultura etc. Acontece, porém, que, nascendo, ele assume, de modo espontâneo e natural, o cuidado pela sua própria vida, tornando-se responsável por ela, procurando, por todos os meios, preservá-la e desenvolvê-la. Movido por este cuidado, ele procura relacionar-se com o mundo que o rodeia, na busca dos recursos de que necessita, não só para sua subsistência, mas, também, para o seu desenvolvimento. Na verdade, esta é a lei da vida: quem não se relaciona não progride, e quem não progride, destrói-se."

"Para que nasci?" "O que estou fazendo neste mundo?" Quando a indagação pelo sentido último da existência nos interpela de forma

recorrente, três caminhos se abrem diante de nós para a procura da verdade: a razão, a ciência e a fé.

A fé nos leva a experienciar uma presença criadora e amorosa pulsando na raiz do nosso ser. A razão nos abre as portas da compreensão logicamente estruturada do real. E a ciência nos permite o conhecimento das leis da natureza pela via da experimentação metódica e o seu domínio pelas tecnologias que, a partir dela, são produzidas.

Podemos optar pelos três caminhos, por dois deles ou apenas por um, como forma de ascender à verdade. O que, definitivamente, não podemos é abrir mão de buscar a verdade acerca de nós mesmos e do mundo natural e humano do qual somos parte. Esta inquietação, esta busca, esta procura, é parte constitutiva do nosso ser. Sem ela, dificilmente nós seríamos o que somos.

7.1. Leitura complementar

O adolescente e a religião

Tania Zagury

Muitos pais, cujos filhos sempre os acompanharam nas idas à missa ou outros eventos religiosos, ficam perplexos quando, repentinamente, os jovens começam a negar-se a acompanhá-los. Sentem-se em dúvida sobre como agir em relação a isso. Obrigar ou não? Conversar? Tentar convencer?

Essa atitude do adolescente está dentro da mesma perspectiva de autodefinição que já esmiuçamos anteriormente. Ele quer, neste momento da vida, decidir se acredita ou não nas mesmas coisas que seus pais. Sejam valores, forma de viver, modo de encarar e conviver com a sociedade, seja com relação à fé religiosa.

É normal, portanto, que eles comecem a questionar também esse aspecto da vida familiar. Eles querem poder decidir por si sós, se desejam continuar, por exemplo, indo à missa todos os domingos. Ou, ao contrário, nas famílias em que isso não é um hábito, são capazes de questionar os pais, para saber por que eles não costumam comparecer sempre. É a mesma necessidade de auto-afirmação e independentização que surge também aí.

Cada pai e cada mãe saberão, certamente, descobrir por si mesmos como agir em relação a este fato. O importante é estarem cientes de que estas dúvidas, estes questionamentos, são apenas mais uma forma de exteriorização da necessidade de os jovens caminharem, neste momento, por suas próprias pernas, perguntando-se a si próprios no que crêem. O importante é que os pais saibam que, também neste

campo, as sementes já foram lançadas e trabalhadas no decorrer de toda a infância e pré-adolescência. A base ética e religiosa que tiver sido trabalhada, com certeza, deixou raízes. Agora, é guardar e respeitar o direito de cada pessoa de autodeterminar-se em relação às questões básicas da vida. Quem sou? Para onde vou? De onde venho? Estas questões são algumas das mais importantes para todo ser humano, e, na adolescência, surgem com muita força.

7.2. Pontos para reflexão e debate

Faça, para você mesmo, as duas perguntas do texto acerca da dimensão transcendente da vida: “Para que nasci?” “O que eu estou fazendo neste mundo?”

Como você se posiciona diante das três vias de que o ser humano dispõe para ascender à verdade?

“O homem é um ser de relações aberto em todas as direções”. Comente esta afirmação.

O autocuidado deve passar, necessariamente, pelo cuidado com o outro. Você concorda com esta afirmação? Por quê?

O que confere a uma pessoa a certeza íntima de que o sentido da sua vida está se cumprindo?